

ELVIRA VIGNA

O que deu para fazer  
em matéria  
de história de amor



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2012 by Elvira Vigna

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Elisa v. Randow

*Preparação*

Márcia Copola

*Revisão*

Carmen T. S. Costa

Ana Maria Barbosa

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Vigna, Elvira

O que deu para fazer em matéria de história de amor / Elvira

Vigna — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-2079-6

1. Ficção brasileira I. Título.

---

12-02471

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira

869.93

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

## PARTE I

## 1.

Chega um cheiro de cigarro da mesa ao lado. Aspiro. Não fumo, nunca fumei, se me perguntarem, não gosto de cigarro, não perguntam, já sabem. No entanto, gosto. E podia parar por aqui. Porque é nisto que penso. Nessas histórias que parecem uma coisa e são outra. Se forçar a barra, chego no suspense, no será que. Por exemplo. Espero Roger. Já sei. Oi. Oi. E aí. Tudo bom. E, quando afinal ingressarmos no pós-introito, ele vai falar do Guarujá. De eu ir ao Guarujá. E eu vou dizer que não quero. E, no entanto, quero.

E quero porque preciso da história. Precisamos. Digo, não eu e Roger. Apenas. Mas todos. Um suspensinho para, uma vez resolvido, acharmos que tudo está resolvido. E pior. Suspensinho resolvido e o ahhh subsequente embora todos — eu e o resto do universo — saibamos: suspense nenhum. Adeus, suspense. Já sabemos tudo. Antes. Antes de acontecer já sabemos. Não é nem o vai dar merda. Não vai dar. Já é. Acho que é coisa de pós-guerras. Assim, no plural. Não mais guerras, mas batalhas pulverizadas em cada momento de todos os dias. E é isto que eu quero/não

quero. Não mais o suspense. (Porque matou, viu, digo logo: matou sim, é o que eu acho.) Mas a história. Já que, sem nada além de batalhas corriqueiras, todas iguais, só nos resta inventar: interesses, palpitações — e sentidos.

Invenções modestas, é bom que se saiba. Porque depois do nine eleven dos gringos, tão cinematográfico, tão mas tão, devemos ter a humildade de nos recolher a produções menores. Guarujá, pois.

Invenções menores e parciais, vou avisando. Quase que não, as invenções. Porque depois de tantos superpoderes, um em cada esquina, é o que funciona: o contar apenas, como se fosse uma história. Mesmo quando não é. Ou quase não. Ir me contando, como se não fosse eu, como quem fala dos outros.

No caso, os outros são Rose, Gunther, Arno.

Os três pais de Roger.

No Guarujá, eu indo ao Guarujá, como quer Roger, poderia aperfeiçoar a história que quero contar e que não é bem uma história, mas duas. E cujos nomes não são bem estes, só parecidos. E, contando-os, o que me vem por trás destes nomes, talvez me conseguisse contar, eu, a quem não vou dar um nome.

E não sei o final. Ao começar, não sei como acabo, como ficarei, eu. É meu suspensinho particular.

Este final que não sei qual vai ser, quando vier, se vier, será meu pagamento, aquilo que espero receber pela minha estada por lá. O “lá” que, sim, conheço. Um apartamento fechado por muito tempo, e que estava caindo aos pedaços mesmo antes de ficar fechado. E cujas tomadas nunca souberam o que é internet. E numa praia deserta: é agosto. Meu pagamento será, assim espero, um quase ponto-final na minha história, a real, com Roger. E aí, a partir deste quase ponto-final, como um dominó ao contrário, uma vez este quase ponto-final obtido, tudo se levantará ordenadamente na minha frente. O quase ponto-final uma vez ob-

tido, trrrrrr, um barulho das peças se levantando, em ordem, tão em ordem, ah, uma ordem, sequencialmente, ah, uma sequência, até a maiúscula inicial. Ficarão lá, os bloquinhos de pé, perfeitamente visíveis, inteligíveis, formando um caminho claro, veja só, acaba aqui, começa portanto ali. Fazendo o maior sentido.

E é um quase ponto-final, e não um ponto-final inteiro, redondo, indissolúvel, perfeito, porque a história, por mais que eu (me) imponha uma Rose, um Gunther e um Arno há muito extintos, nunca poderá ser só minha. Só contada por mim. Dela, meu controle é bem relativo. Pois me faltará sempre o conluio dos outros. Um “é sim”.

“Foi sim! Foi assim mesmo!”

Não tenho como obter de antemão uma coisa dessas. Me garantir. Por mais que de fato eu não invente. E mostre: aqui, ó, a foto. Aqui, veja, o documento. É verdade. Juro. Roger, por exemplo, nunca aceitou minhas tentativas anteriores de dominó. Ainda que eu mostrasse: mas vem cá, pensa comigo.

Me escudo em uma vantagem, ao contar. Histórias são recebidas, hoje, sempre com um meio ouvido. Todos meio ouvintes que, mal se iniciam na narrativa, já pensam em outra coisa. Claro, vontade, sim, eles têm, de umas pequenas férias da vida lá deles. Umas pequenas férias de si mesmo, quem não quer? Mas entram (entramos) sem acreditar muito em nada. Tentam (tentamos) uma meia entrada com nossa atenção a meio pau em uma seminarrativa sobre o quê, mesmo? Ah, sim, vidas alheias que talvez sejam as nossas. Fazem isso (fazemos) para tentar recuperar, à distância e sem grandes esforços, a vida. A nossa. Mas sem acreditar muito que vá de fato funcionar. Eu sei. É igual para mim. Mesmo em se tratando de vidas — estas, as contadas — com certificado de simplicidade, pois se são contadas. Apresentadas frase após frase, elas ficam, as vidas, se não lineares, pelo menos sequenciais. Necessariamente mais simples que as que de

fato temos. Mesmo esta aqui. Nem um pouco simples. E que é a que de fato tenho, mesmo quando, o dia cheio, não a conto, nem para mim.

Não me queixo desse meio ouvido que me espera. Já disse. É uma vantagem. Preciso desse meio ouvido em vez de ouvidos inteiros, pois sequer sei como começar.

Posso dizer que Roger está atrasado. Claro. Sempre está. Um começo ready-made.

Ou posso começar pela década de 60. Década de 60 me parece melhor. Década de 60 explica sempre muita coisa (embora o atraso de Roger também explique muita coisa). Década de 60 explica os petrodólares que surgiam como mágica, o início da ditadura militar, esta outra mágica, também bem besta. E é mágica porque as coisas não mais começavam, duravam e acabavam. A ditadura, por exemplo, começou em 64, e depois outra vez em 68. E acabou sem acabar, de tão aos poucos. É o que eu dizia, batalhas diárias, anônimas, quase sem existir. Em vez de guerras.

E década de 60 também é bom por causa da trepada no chuveiro.

Me parece um bom começo, trepadas no chuveiro.

E esta foi uma trepada no chuveiro enquanto as pessoas tomavam cerveja na sala, e diziam aos cochichos, em risadas, mas será que eles estão trepando no chuveiro? Estão. Estávamos. Mas não é nem certo eu falar sobre isso agora, de entrada, porque ainda não sei, neste momento, como podem ser entendidas essas coisas daquela época. Como posso entendê-las, eu, hoje. Preciso criá-las, recriá-las, para saber ou, melhor, para achar que sei.

Quem dirá saber como é trepar no chuveiro enquanto pessoas tomam cerveja na sala, o disco da Elis Regina. Quem dirá saber como é escutar Elis Regina com o braço levantado e aquela cara de animadora de festa infantil que, não, desculpe mas tinha. Porque as coisas mudam.

As coisas não mudam. Justamente.

Porque poderia contar a história de Arno, Rose, Gunther, Roger — e, em menor escala, da mulher de Gunther — no pós-guerra da década de 40, 50. Como poderia contar a minha, na primeira pessoa, no final da década de 60, início da de 70, a trepada no chuveiro, as pessoas bebendo cerveja na sala. Entre uma e outra, uns vinte anos de diferença. E — acho eu aqui e agora, antes de começar — bem poucas outras diferenças. Por exemplo, em ambas as histórias, nada de tão bombástico. Porque as coisas mudam, as coisas não mudam, mas bombástico definitivamente não é mais uma possibilidade. Mesmo quando o foram. Ao contar, não mais o temos. Bombástico é, já disse, o nine eleven. Bombástico, agora, só em inglês.

Perdemos o bombástico, nós. Nosotros.

Até o mar, quando sobe, o faz devagarinho, ressaca por ressaca, ninguém de fato percebe. E tornam a consertar a calçada. O apartamento do Guarujá não é de frente para a praia. Só perto. Mas dá para escutar a ameaça surda, contínua. Daria. Ninguém escuta. Acostumaram.

Ontem ganhei um CD com uma peça de Gluck. Agradei, maravilhada de que alguém pudesse me dar uma coisa dessas.

É Gluck, então, que agora, sentada aqui aspirando a fumaça da mesa ao lado, tento recuperar como fundo musical. Não que consiga. Me vem misturado com outra música, que escutei ainda há pouco, vindo para cá. A do aparelho de som de um carrão parado no sinal do Passeio Público. Freava sem necessidade, empinando a traseira, de quando em quando. Um ônibus na frente, várias sombras por trás, e tudo numa fumaça amarelada. Cada um com sua biografia. Eu, por exemplo, lembrei de Goya em seu período dark. Está bem. Me esforcei para lembrar. Nem é muito



a minha, esta biografia que cita Goya. É mais a de Roger. Na verdade, para mim, funciona pichação anônima, é mais a minha. E a do quadro em questão. Afinal, trata-se de um Maverick, do tipo turbinado azul perolizado, pum, purum, cabeçote rebaixado e — concordo com a cabeça, disfarçando de simples marcação de ritmo — só pode ser roubado.

Portanto, abaixo o Gluck. Fica o funk.

Quatro caras atrás, dois na frente.

Gluck é só o que eu gostaria de ter, em flautas educadas, por trás da minha vida. Não em toda, mas em algumas cenas, como esta para a qual volto, em ondas. A do presente momento.

Estou em uma mesa de bar e, como sempre, Roger está atrasado.

Minha tentativa é a de fazer o chope durar. Uso para isto o truque da água mineral concomitante — um gole no chope, outro na água. Funciona por um tempo, não muito, e está prestes a deixar de funcionar. O copo de chope vazio e a pergunta vem rápido no meu ouvido esquerdo: se vou querer outro.

Posso escolher, bom comportamento aguardando Roger em total sobriedade.

Ou não.

“Mais um, por favor.”

Motoboy.

Uma mulher com três pinguins quase apagados na blusa branca, vítimas de uma tempestade de neve muito lenta, a do sabão em pó barato na máquina de lavar.

Um cara de terno, celular no ouvido.

“Eles vão empurrando com a barriga, porra, e é aí que a gente se fode.”

E num intervalo pequeno, ocupado por dedos nas teclas:

“Oi, gata, nada não, só vontade de ver a alegria no teu rosto, a tesão.”

Mesmo cara, outra ligação. Mesmíssimo cara.

Um sinal de trânsito pisca sua mão vermelha para pedestres. Inútil. Atravessamos sempre de qualquer maneira, nós, nesta cidade, por entre os carros, alegres suicidas que somos, correndo na frente do ônibus, atrás do prejuízo. A toalha de papel da minha mesa ensaia ir com o vento, e eu ensaio me levantar, louca, a tempo de pegar o sinal ainda fechado. Somos contidas, ambas, por copos meio cheios, meio vazios. E mais garrafa, guardanapo, chaveiro, cinzeiro, palito. Objetos são âncoras mais eficientes do que qualquer sinal de trânsito, ou de qualquer sinal de Roger.

O grupo chega, conheço quase todos. Já sabia que arriscava encontrá-los. Vêm de logo ali. Me chamam. Não quero. Sei que pareço patética com meu chope, minha água mineral, esperando o quê, e há quanto tempo.

Então vou.

Ehhhh. E eu ecoo o ehrrrrr deles, garantindo assim que também acho tudo ótimo.

“Vou fazer a Sílvia Tereza”, diz Marcelo. “A Regina não vai poder. Ponho um vestido, peruca, um ar espiritualizado e estou pronto para a estreia.”

“Eles estavam contando com oitenta mil reais para sessenta pessoas, cinco dias. Hospedagem na universidade, cano total.”

“Passaporte faz pela internet?”

“Eu estava cheio de cortisona, fiz um escândalo.”

E Marcelo começa a contar uma história que já conheço. A velha artista de teatro, às voltas com uma burocracia bancária, fala com um funcionário, com outro, vai ao caixa, volta e enfim solta, a voz mansa mas perfeitamente audível:

“Amanhã é sexta, dia de Exu Papacu, o nome de vocês está aqui, no papelzinho, e eu vou estar no terreiro...”

Gargalhada geral, que acompanho.

Os celulares da mesa começam a tocar, sei o que se segue,

irão embora. A moça de cabelão chamada Ana Paula se levanta, diz que está na rua desde a manhã, tem de chegar em casa, o cachorro. Carol pede a conta.

“Incompreensível.”

Outro pega a conta da mão dela, confabulam, destrincham. Marcelo, já bêbado, não deixa que se concentrem. Lembra em voz alta da rua esburacada de Saquarema. Ele, eu, Roger, um réveillon. Estávamos de carro procurando vinho para comprar. Ele fala Saquarema com todas as sílabas, não deve estar tão bêbado. Os dinheiros se somam na mesa, não me levanto. Vou esperar, afinal. Ou beber mais. Ou assumir de vez que sou uma pessoa sozinha. Ou catar homem. Ou chegar em alguma coisa que se pareça comigo, seja lá o que for.

Um mendigo também chega, no mesmo momento, em algo que se parece com ele. Limpa o banco na minha frente com a mão. Deita-se. Quase feliz. Ele acha muito bom chegar em casa.

Eu e o Gluck, então. O meu Gluck.

Cedo-o a Rose, que dança.

É esta a cena:

Uma mulher dança sozinha numa sala, em meio a sofás, poltronas, estofados gastos. São muitos, os móveis. E há toalhinhas com acabamento de renda, almofadas adamascadas e objetos em cima dos móveis. Que são de madeira escura, pés torneados em espirais pontiagudas. Um brilho burguês, de flanela e óleo, nesta madeira, e o brilho é realçado pela claridade que vem da janela. Mas a mulher fecha a cortina.

É o primeiro dia.

Está nua, e a peça de Gluck é sugestão que vem da sua memória. Nada específico, nunca é, não poderia. Especificidades, para esta mulher, vão todas em uma só direção, insuportável.

Flautas pouco definidas, então, e o cheiro. É um cheiro de poeira, de uma poeira diferente da poeira porventura existente neste lugar. E essa outra poeira, ela acha, a subjugará assim que pare de dançar. Sabe que inventa. Permite-se. Uma invenção quase que não. Ela sabe que será fácil ver essa outra poeira, grão por grão, caso feche os olhos. A poeira — e a mulher continua devagar, ela própria uma flauta — cairá assim que pare a dança, e cairá em quantidades crescentes, ameaçando esvanecer tudo, ela incluída. E isso embora constate, com uma surpresa igualmente pouco focada, que a poeira, essa, a que cai, a que ela se permite inventar (e quase não), some assim que poussa. Nos móveis, então, e nos objetos, e no chão de taco de duas cores, no papel de parede. Ou nas paredes de concreto nu, sujo, frio, nos vestidos já rasgados de há muito, substituídos por uniformes sem cor ou forma, o número bordado em amarelo, e nos cabelos já cortados, e nas janelas muito pequenas e altas e gradeadas e sem vidro, em que pese o frio. Ou em outras janelas, anteriores às primeiras e, depois, posteriores a elas, e que a elas se sobrepõem. E que são grandes e acortinadas e que abraçam, prendem, então, o Gluck — que não acaba e que se mantém, fio que é. Mas nenhum candelabro de sete velas, estrela de cinco pontas. Sem símbolos, por favor. Não gostamos de reducionismos fáceis.

(Ela não gostava, nem eu.)

Bem.

Braços e pernas ao alto, eis onde ela estava, onde eu estava.

Vamos mais rápido: 1) a dança solitária e nua na sala silenciosa, antes do banho; 2) a respiração ofegante pela dança recém-dançada, pela ousadia recém-experimentada, isso já embaixo do chuveiro; 3) a entrada na cozinha, já composta, já madame, já patroa, cabelos molhados pingando na blusa de pence e costuras, cós e botões, gola virada e ombreira. E broche.

Década de 50. Ainda.

E mais as sobrancelhas da década de 50, que se sobressaem no arco perfeito feito a lápis, neste caso não por moda, mas por necessidade. São sempre úteis, nesta vida que aqui se inicia, sobrancelhas altaneiras. Em caso de embates, alterações, já estarão lá, marcando, com sua presença, uma ausência. Que é a ausência da possibilidade de ter havido, até então, o adjetivo “altaneiras”.

A mulher dança na década de 50, a guerra logo ali mal terminada, a não estrela uma escolha. Como também escolha é o dançar nua que, ao ameaçar se tornar, isto também como tudo, símbolo de alguma coisa (por exemplo, erotismo, feminilidade), é imediatamente interrompido.

Não ela.

Dança porque dança. Nunca para seguir roteiros por outrem determinados. Daí que, no seguir dos dias, não dança. Apenas fica lá parada e nua. E não fecha mais a cortina. Dane-se. Diz dane-se, e não foda-se. E há a porta da cozinha, a pedir outro dane-se, este dirigido à empregada, dona de barulhinhos irritantes, e que não canta. Não canta porque está proibida. Também está proibida de barulhinhos, mas isto ela não consegue evitar, embora tente, com mais barulhinhos.

A mulher nua tem um nome, Rose. E marido, Arno. E uma coleção infinita de dane-se, o maior deles dirigido justamente para o próprio Arno, dane-se, porque, mesmo com ele em casa, ela fica lá. Na poltrona, que troca pelo sofá, que troca pela cadeira, que torna a trocar pelo sofá, nua. E de pernas abertas. Mas é um dane-se de mentirinha, este dirigido ao marido, e ela sabe disso. Porque Arno não sai do seu quarto a não ser em horas preestabelecidas, incapaz que é de quebrar rotinas ou atender a expectativas não anunciadas ou planejadas com antecedência. Fica lá, no que chama de sua oficina, na verdade o segundo quarto, o do bebê que nunca veio nem virá, a depender da lei das probabi-

lidades. Afinal, depois de uns cálculos mensais embaraçosos, Rose compreende que, sem trepar, ou quase, que se dane. E o lápis, antes pendurado no calendário da cozinha e em estado constante de atenção, migra para paisagens mais estimulantes, o bloquinho de compras, as palavras cruzadas.

É de Rose principalmente que falarei, então. Será através dela, todo o resto. É o mais fácil. Ou mesmo a única possibilidade.